

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13.3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Concelheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ITINERÁRIOS

Ao Dr. Américo Durão.

VII

Como havia, Marcelino, de grangear as terras do passal, ajustara e mandara vir o Giribanda, com a Rufina, sua mulher e braço forte (a ela cabia o matriarcal regime nortenho do governo absoluto, mas ponderado e equitativo, de toda a economia doméstica). Tinha-o conhecido na lavoura do Avô Manuel, cabeçorro mas lealíssimo, e servira como um dos sacristãos adjuntos na solenidade da sua primeira missa. O antigo, lesmático e falso, entrevara, e levava os dias e noites a estralçar com grunhidos de tosse e ápartes blasfemos (rosnava-se de que amaquiara uns cobres) o fásquio usado da sua vivenda imunda.

Era o brando tangido do sino, que as mãos calosas do Giribanda picavam à hora de alva, com exacta cronometria meridiana, o espertador de Maria Tesesa. Todos os dias, todos — e tantos foram, um por um, dêsse longo rosário de anos, perdidos no passado e passados como as suas vidas — logo se alevantava para ir ouvir a missa do Irmão. E com que alegria, naqueles primeiros tempos, não ia encontrá-lo na sacristia, uma caixa muito fria, de pedra lisa, com duas frestas ou seteiras gradeadas como os respiráculos dos cárceres, quando se parmentava — o amigo de linho branco sobre a batina preta, a alva, comprida e larga, afolhada, atando à cinta com o cordão de borlas, a estola e o manipulo, a casula, ora branca, ora vermelha, umas poucas vezes verde, a negra dos Fiéis de Deus e dos sufrágios — e, escolhido no missal o Evangelho do dia, se dirigia ao altar, o barrete de borla na cabeça, as mãos segurando o cálice, inclinando-se de grave compostura...

Ou então, porque andava mais célere e o precedia a sair de casa, era a primeira a entrar na igreja. E fazia-o de propósito, porque a penetração de sensação forte e comovida surpreender o silêncio do templo, carregado de mistério, penumbroso de luto, imbuído de morte, com o arripio murmuroso de almas erradias, almas em pena — como no seio das conchas, já secas e velhas, as litánias do mar, e o sorriso-mortiço — da lâmpada de azeite semelhante a agonia das estrelas nocturnas subindo ainda — rastejante — sua flor de luz humilde.

Semana adiante, a assistência era pouca, e quasi a mesma, a mesma ali e a que topara por toda a parte, alguns velhos trôpegos, com faces de pergaminho e bolôr na consciência, algumas velhas de ar devoto e cru, fechadas avaruntamente no egoísmo da sua salvação, levando com regalo à conta de virtude própria os alheios desvarios, outros mais, singulares, como ao acaso da miséria da vida, e duas ou três moças, bonitinhas, cloróticas, a boca descorada — lábios sem a flor da carne — e, no olhar dolente, um fulgir de alucinações. Maria Tereza escolhera e fixara o seu lugar, junto ao degrau da capela-mor, ao lado do Evangelho, a uma das bases do arco cruzeiro, a que, no

restauro, já tinham dado o traço gótico das mãos alçadas e erguidas em súplica. De joelhos, na lage estreme — regeitara o genuflexório que lhe queriam dar —, sôsinha, no silêncio esmorecente — apenas se ouvia o roçar de beiços secos —, amortalhava-se nas dobras do manto daquela serenidade unguida, agasalhando-se na mornura da sua esperança... o resurgir do dia ao sol claro do seu amor, como, lá fora, pelos campos — donde vinha, apagado, respeitoso, distante, o rumor das aves, o correr da água, o mugido dos bois — se espraiava e derramava triunfante o sol do novo dia... «Seja feita, Senhor, a vossa vontade...».

E quando, às ave-marias, as vozes se desprendiam dos peitos, como lágrimas a rolar por cima das sepulturas antigas e anónimas, torvelinho de preces e de lamentos, ascensos de fé, suspirar de desejos, sempre — porque, sempre, aquela imagem ao resar das ave-marias, no fim da missa? — o mesmo quadro de paisagem se recortava nitidamente presente a seus olhos: era, na praia, à cesarea apoteose do morrer do sol, na revolta da luz que se inebria e adoida na luxúria fulgurante das cores; — depois, o mar, vasto e liso como longa campina; — quasi junto ao areal, desafogada da maré, entre a penedia, áspera e ericada como lava vulcânica, um tamanino charco de água, a concha da mão cheia de água salgada... — e, no fundo da vasa, donde florescem as algas rendilhadas, um infinito de vida imensa ficou guardado, minúsculas plantas, que parecem agudas de vida animal, e diminutos seres revestindo a forma bizarra das coisas inanimadas... — um infinito pequeno, apenas uma covinha de água, cheio de toda a grande vida oceânica, e que nela persiste, e a contém, e a vive intensamente, esquecido, livre, sôsinho, na anfractuosidade da rocha. As velas recolhem do largo. E já a lisa superfície ondula, o lençol enfuna-se, as ondas vêm do largo, e crescem, e levantam-se, mais condensadas e repetidas, se alteram e assaltam o penhasco, o vão dominando, e galgando, e vendendo — a gotinha de água fica submersa, sepulta — no mar das águas do mar. E a Maria Teresa sentia desfalecer-lhe o espírito, agoniar-lhe a carne o anseio, a perturbação do insatisfeito...

Mas já o Marcelino recolhia à sacristia, e o Giribanda apagava as velas do altar.

Quando, aos domingos, no fim da missa, atravessava o adro, e as moças da aldeia a cumprimentavam de menina senhora dona, ou abriam alas para ela passar, talvez impressão sua, talvez pontinha de despeito — como era, então, ingénua e cega sua confiança na vida! —, parecia atinar lhes, sob o respeito da cortezia, um sorrisinho maloso de desdém — airozas nas suas saias de rodada, listradas de cores e atestoadas de veludo, os corpetes de linho bordados a retrós vermelho, o lenço encruzando na camisa e atado em pontas

de borboleta sobre a nuca, oiradas de arrecadas e de cordões, massiças de beleza escultural, ancas robustas, cinta de galbo, seios fortes, como veementes, as mãos calosas, mas lisa a pele de grão muito fino, toda a pujança da carne, a verdadeira fortaleza da mulher. Era como um encolher de ombros de comiserada ironia ao seu magro figurinho da cidade, sua imagem de redoma, sua vaga senhoria de irmã do senhor Abade; era como se descobrissem a nu a marca do seu único préstimo servil, do seu afastamento subalterno das mourejas do trabalho e das agitações do amor, dos vai-vens da alegria e da tristeza, pois elas eram livres, mesmo em sua escravatura da terra, e senhoras da sua vida e do seu destino, e ali se viam, à saída da missa, na hora pragmática de velhas convenções, no festivo rodeio da sua corte de amor — os manecos galhardos a esperá-las, sentados no muro, encostados às árvores, quedando no caminho, e muito domingueiros, o cravo vermelho na lapela ou a folha de alfadega na orelha, ensaiando o harmónio, naquele bailar de romaria, furtar do corpo na volta de uma cantiga, zombeteio de alfinetadas maliciosas, catrapisco de langues olhares. Mesmo, certa vez que mais distanciara o seu passeio, ao passar junto da fonte, no regresso, havia de dizer que a picardiava de motejo aquela trova, desferida por uma rapariga, depois que com ela se cruzara e seguira, carregada com o molho de erva...

O Marcelino dissera-lhe — Vais ter amanhã um convite.

— E o que é?

— Ah! não digo: é uma surpresa.

E foi uma surpresa. Uma lavradeira vinha pedir-lhe para ser a madrinha do casamento de sua filha. Maria Teresa ficou suspensa, as faces afogueadas. Já muitos se iam habituando a procurá-la para recados ao senhor Abade, de quem assim maquinalmente e naturalmente se constituira a secretária no exercício pastoral. Mas era, de ordinário, a encomenda para o baptizado, a insistência para que ela fôsse, sem demora, levar a extrema unção a um moribundo, a questão complicada dos papéis, dispensas, registos, proclamas, os pedidos para assistência, esmolas, recomendações, empenhos para a cidade, e até mesmo receitas para doentes, conselhos nos enredos dêsse nosso fadário. Mas, para madrinha de um casamento! E, com voz mal articulada pela sufocação, apenas traduziu o seu espanto

— Ora! Eu... Porquê, eu?

A lavradeira insistia — era um pequeno incómodo, fazia muito gosto, era tanto do agrado da noiva — e havia de lhes dar a honra de assistir, com o senhor Abade, ao jantar da boda.

E o Marcelino interveio — Então, porque não há-de aceder?

E passou, na verdade, um claro dia de alegria, estufante e rutilo, entre flores e confeitos, amimada até com devoção carinhosa — boa como o repartir do pão da alegria entre as almas. Levaram horas a comer, grandes travessas e terrinas, galinhas, frangos, coc-

OUTONO

Uma estação mais. Caír da fôlha, depois — frios, ventos, chuvas. Sentem-se muito as misérias e não menos o convencimento de que pouco ou nada se lhes poderá valer.

Por enquanto, decorre o período das colheitas. Milho, pouco; vinho, em abundância. Bem melhor seria o contrário, mas é sina da humanidade não ter o que precisa ou o que merece...

Envolve o mundo uma atmosfera irrespirável, carregada de pavorosos preságios.

Passará o Outono, virá um Inverno tranqüilo e saudaremos a Primavera próxima com a alegria de termos transposto ilesos um perigo que se supunha mortal?

Críticas Pequenas

Nas horas vagas do pensar sereno muitas vezes hemos lamentado que o apreciadíssimo Dr. Miunças não reunisse em preciosos volumes as lições lingüísticas que ai por 1924 a 1928 publicou no Saudoso diário A Época.

Se o Dr. Manuel Múrias, que honrou aquele pseudónimo, compreendesse bem os dotes que revelou na divulgação do bom linguajar, por certo continuaria na sua tribuna a ensinar os curiosos do bem escrever e do bem falar, e já a esta hora deveria haver publicado alguns tomos de alto valor.

Agostinho de Campos reúne agora no seu Glossário alguns dos seus estudos sobre questões de linguagem. Um formoso volume que honra a Bertrand e apresenta índices de matérias e de Autores.

Entre as mais rijas vergastadas do Paladino Venerando, o eclodiu foi dos mártires mais feridos. Efectivamente os dicionários ainda não acolheram o mísero vagabundo.

Mas o Linguísta de preço que é Agostinho de Campos manda-o «fazer companhia ao solucionar, dignificar, homenagear e quejandos».

Valha-nos a Senhora da Tolerância!...

Moreno e Torrinha e Cândido de Figueiredo chamam neologismos a solucionar e homenagear, e neologismo não é nome feio.

Quanto ao dignificar, todos o apresentam sem reparo algum, e já há 80 anos, ao virem de Paris, em bercinho azul recamado de ouro, o José Leite e o Ricardo Jorge, o velho Faria dava aquele verbo como pessoa muito de casa.

Esta picadinha garota em nada deminui o valor do volume que é lindo e de agradável consulta.

G.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

lhos, presunto, vitela, cabrito, leitão, creme, aletria, arroz doce, enormes infusas de vinho. Essa noite, no seu quarto do presbitério, as escuras, sôsinha, Maria Tereza chorou as suas primeiras lágrimas de saúde.

(Continua).

Eduardo d'Almeida.

Reincidentes

Há tempos foi chamada, nestas colunas, a atenção de quem de direito para o facto de se repetirem com lamentável frequência, certas cenas nada edificantes, no Largo 13 de Fevereiro, ex-praça de S. Tiago de ruim memória.

Salientado que essas ocorrências se verificaram a poucas dezenas de metros da Esquadra da P. S. P. (o que parecia mostrar, por parte dos delinquentes, uma quasi certeza de impunidade), aguardou-se que não houvesse mais motivo de queixumes pelos mesmos factos.

Infelizmente, volta e meia, alvoroça-se o dito Largo, em zaragatas mais de palavras inaudíveis do que de sopapos violentos, a ponto das pessoas educadas que por lá moram terem de trancar as janelas, num gesto de legítima defesa da integridade moral da família.

E' nosso veemente desejo aplaudir calorosamente as medidas que, sem tardança, forem tomadas para acabar de vez com os sobreditos desmandos.

Caridade!

Aquela triste desgraçada a que já fizemos referência continua passando dias e noites no Largo da Misericórdia.

Começou o frio, — vêm, próximos, os horrores do inverno. Não há por aí alma cristã que valha a este infortúnio?

Não incumbirá às autoridades providenciar?

Fazemos estas perguntas na certeza de que, de qualquer modo, se porá prontamente termo a um tão confrangedor espectáculo.

Maturadas

Já chegou o outono.

E' o viço que morre num triste abandono.

Falta o sol ardente, e há vento que corre em fúria premente.

Suporta essa dor, teu triste sofrer, em breve, o calor, te fará viver.

MARY COTTA.

Sinos e horas

Não se compreenderá, daqui para o futuro, que haja em Guimarães quem não saiba às quantas anda.

Não faltam relógios, — e o da torre de S. Pedro, com suas faces de algarismos romanos pegadinhos uns aos outros voltadas aos pontos cardeais e seu carrilhão cantando, por etapas de quartos, meias e horas, o brioso hino da Cidade, é, sem dúvida, o mais categorizado de todos.

Muito bem. Mal está, contudo, que alguns estudiosos de música sineira passem horas seguidas, na torre referida, a apurar-se no seu manejo, acabando por aborrecer, pela monotonia dos desengraçados toques, quantos vivem ao redor da Praça baptizada com o nome do primeiro Afonso.

Farpas

Como fomos dizendo...

Ora, como fomos dizendo, recebemos nova carta do sr. antigo vereador a-propósito do que aqui escrevemos acerca da continuação das obras dos Paços do Concelho. Tem essa carta a data de 21 de Julho e só agora, por motivos muito estranhos à nossa vontade, lhe podemos responder.

Que nos desculpe o seu signatário esta tardia resposta que, afinal, vem sempre a tempo. Estranha-se, nessa carta, que eu estropiasse um período da primeira carta que me escreveu. A razão fundamenta-se no seguinte: — a carta não era destinada à publicidade e, portanto, ao referir-me a ela, omitti o que poderia levar o leitor a concluir quem era o autor dessa carta. E embora o antigo vereador tenha feito constar — o que já chegou ao meu conhecimento — que me escreveu duas cartas, continuo a conservar-lhe o incógnito.

Depois diz: — «O Ecos de Guimarães não abriu um inquérito, como disse, antes ou depois da exposição das plantas. Por conseguinte: — o meu amigo não depôs. Espero vê-lo no «Notícias de Guimarães» o desmentido». Pois cá estou a fazer esse desmentido... confirmando o que escrevi.

Foi precisamente por alturas de Dezembro de 1928 que o falecido e sempre lembrado Padre Gaspar Roriz escreveu em «O Conquistador» um artigo sobre os novos Paços, a que se seguiu uma exposição dos quadros existentes então no edificio dos Paços do Concelho, onde está agora o Arquivo Municipal. Essa exposição provocou, depois, um novo artigo do illustre vimaranense, publicado no «Correio do Minho», intitulado *Ne sutor...* artigo este que foi transcrito no «Ecos de Guimarães», n.º 48, do sétimo ano, de 29 de Dezembro de 1928. Antes, no n.º 47, de 22 do mesmo mês e ano, publicou aquele semanário dois artigos, afirmando: «Publicando hoje estes dois artigos, com opiniões diferentes, desejamos manter a maior neutralidade para não prejudicar a discussão já começada. A nossa opinião está de há muito formada; no entanto, esperamos que os competentes se manifestem, podendo, para isso, contar com as colunas do nosso Journal».

Um dêsse artigos intitulava-se «As obras da Câmara» e era da minha autoria, publicado com o pseudónimo que então usava e tinha nascido das pugnas do «Pró-Vimaranense». Já vê, pois, o sr. antigo vereador que mantenho a veracidade do que afirmei e o desmentido é, afinal, ao que me foi categoricamente afirmado na sua carta.

Diz mais o sr. antigo vereador: — «Eu possuo um dossier dessa vergonhosa campanha». Vergonhosa porquê? Então não se pode ter uma opinião diferente da opinião dos defensores?

Verifica-se que esse dossier não é tão completo como afirma, porque o deixou incorrer em desmentido.

Continua o sr. antigo vereador: — «Quando, como Vereador das obras, vigiava e fiscalizava a construção do edi-

Vária

E a vida continua

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

A casa tinha uma sobreloja, de janelas de adufa, e dois altos andares, o primeiro de varanda de ferro a toda a fachada, e o segundo com dois peitoris de vidraças corrediças.

Chamavam-lhe a Tragalhadasans, à mulher que o servia, esqueleto embrulhado em pele seca, viva e ágil, e com estas excelências — impecável na limpeza, nem ponta de pó na mobília, nem surrasto de carvão nas panelas, nem engulha na roupa branca, mesmo de apuro no asseio, e uma arte maravilhosa de, até ao mais rudimentar presigo mesmo, dar um certo jeito de forma e um odor caseiro e apertivo, que o fazia regalo dos olhos e sabor do paladar — pois, ao meio-dia, o Cristóvão, embora com método e regra, gostava de comer bem.

— Herdei-a dum couce — dizia-lhe elle.

Fôra o caso que, certo dia, à hora usual da sua matinaada, quando passava junto do portão do Fidalgo de Linhares, um arganiz desalmado, de quem se contavam as mais sujas maranhãs de pelintrice, apanhou em cheio com uma magra e ressequida trouxa de roupa e ossos, que despejaram violentamente à rua, em gestos desabridos e surdas palavras de cólera: era a Ana Tragalhadasans! Como estava acabada e o serviço carregaria quatro aleitadas matronas, da estirpe da Padeira de Aljubarrota, pela culpa e ao pretexto de ter partido um prato velho, que já fôra várias vezes gateado pelos galegos, vá de de se desfazer dela, o Fidalgo, por aquela maneira, e sem o ordenado de dois anos dos trinta que lhe dera de escrava! Apiedado, o Cristóvão levou-a para casa, ainda a mulher era viva, e lá ficara, sempre a mesma, seca, esguia e encorralhada, que a morte, e ainda bem, se esquecera dela, mais humana do que a vida.

— Herdei-a de um couce — dizia-lhe, para se rir, mas ainda seriamente agoniado com o passo indigno, — mas do couce humano, que é o mais besta e fera dos couces irracionais!

Havia, em ajuramentada verdade essa justiça a fazer ao nobre e leal cavalo.

Agora, eram afeiçoados, davam-se bem:

— Senhor Cristóvão...

— Sôra Ana...

E, em certas venetas, depois de ceia, elle gostava de a ouvir, que os velhos tem sempre alguma coisa a dizer aos mais novos.

— Sôra Ana...

— Senhor Cristóvão...

— Vá comer, e venha, depois, arrumar.

A Tragalhadasans, que já sabia, despachava a malga do caldo, guardava o bocado na prateleira do forno da cozinha, e logo aparecia na sala para levantar a mesa.

— Então, Sôra Ana, como vamos a respeito de histórias?

— Ah!, Senhor Cristóvão, acabaram-se as histórias.

— Tinham isso de bom os frades. Foram a última gargalhada que houve em nossa terra.

— Não seja malicioso, Senhor Cristóvão, que, por vezes, quanta pena de alma, nos conventos.

— Por isso mesmo, o riso tinha mais sal.

— Lembre-se daquela freirinha de Vila do Conde.

O Cristóvão já conhecia a lendária história, de sabor camiliano e camoneano, mas perguntava

— E o que foi, o que foi, Sôra Ana?

— A filha segunda de uma casa fidalga, de terras de lá de cima. Pai e filho, o mais velho, foram à corte e por tais artes do Mafarrico

— O Senhor me perdoe! — ...

— E o Diabo também!

— uma remelosa os enfeitou — e era a mesma, a desavergonhada! — que deram cabo do melhor do vínculo em guarnecer-lhe de lóias e brinços, a render-lhe finanças, cartuagem posta, escudeiros de librê, merendas e passeios, rondas noturnas de músicos e poetas, à luz dos archotes, que até por vezes se encontravam os dois grupos, o do pai e o do filho, e os pingões sacavam das espadas e feriam sangue e lume por aquelas esquinas.

A menina, que era uma beleza de santinha do altar, andava prometida de noiva, desde os doze anos, a certo primo. Mas os parentes, ao saberem do escândalo, deslaçaram a combinação, e, quando, já eles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica, que também havia fundado e a várias obras de assistência social! Raro alguém tetá dispendido tanta e tão variada soma de labor intelectual e dispêndio físico. Professor distinto, de eloquência afável, e médico de renome. Em seu consultório — conta o seu sucessor na Escola Politécnica, Everardo Backeuser — tão frequentado por gente de alta posição social, para não vexar os pobres com preterições amesquinhantes, entregava-lhes cartões de entrada na mesma ordem da chegada, entremendo-os com os que se compravam na verdade... Ao vê-los, a êsses necessitados, entrar no gabinete do médico, orgulhosamente, carregando o seu cartão numerado, ninguém pudera imaginá-los recebendo um obsequio e ainda menos uma esmola... Nem todos suportavam essa magnanimidade do coração de Nerval. Considerando-a um vexame para a sua riqueza, começaram a escassear no consultório, de modo que, no fim da sua vida clínica, só o procuravam em seu gabinete médico aqueles que não tinham recursos. Nerval de Gouveia, a-pesar-de êsse formidável contratempo, não modificou sua norma de carinhosa bondade. Avaliando-se pelas suas horas de trabalho, pelo seu talento de professor e pela sua fama de médico, diagnóstico seguro e curas maravilhosas, devera nadar em ouro! E, no entretanto, sua caridade fê-lo morrer pobre! Fui o inventariante de seus bens. Dos bens! Só deixou livros, imagens de santos e... dividas. O que se apurou no leilão de sua valiosa biblioteca mal deu para pagar velhos compromissos acrescidos de pesados juros acumulados. E todavia, ainda no último mês de vida distribuiu seus vencimentos de professor jubilado com os pobres que lhe encamavam, à porta, no principio de cada semana».

A Providência temperou as cousas deste mundo de modo que se podem simbolizar tôdas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de

contas, travo e mais travo ao pé do caroço.

Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo: chamam-se marido e mulher.

Esta época transitória tem a sua fórmula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a frase lua de mel: o português diz ano de noivos. E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano.

Heculano.

Em livro recente, Madame Marcelle Auclair receita como remédio eficaz, contra as desfeitas e penas do amor, o estudo gramatical das linguas vivas, sobretudo a conjugação dos verbos irregulares, as declinações, etc. Talvez Marcelle tenha visto o caso ao claro. E não dá vontade de dizer a uma linda mulher:

— Vamos experimentar ter penas de amor, para, depois, aprendermos a conjugar os verbos irregulares?

Não é vulgar, na literatura romantica, um livro de mulher que seja feminino, pelo contrario, as mulheres escritoras fazem gala, ou pelo menos, marcado acento, de masculinação no estilo, na inventiva, na psicologia das personagens, e até, por vezes, na audácia com que acometem o escabroso das situações. Parece deixarem, combinando, e, quando, já elles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica, que também havia fundado e a várias obras de assistência social! Raro alguém tetá dispendido tanta e tão variada soma de labor intelectual e dispêndio físico. Professor distinto, de eloquência afável, e médico de renome. Em seu consultório — conta o seu sucessor na Escola Politécnica, Everardo Backeuser — tão frequentado por gente de alta posição social, para não vexar os pobres com preterições amesquinhantes, entregava-lhes cartões de entrada na mesma ordem da chegada, entremendo-os com os que se compravam na verdade... Ao vê-los, a êsses necessitados, entrar no gabinete do médico, orgulhosamente, carregando o seu cartão numerado, ninguém pudera imaginá-los recebendo um obsequio e ainda menos uma esmola... Nem todos suportavam essa magnanimidade do coração de Nerval. Considerando-a um vexame para a sua riqueza, começaram a escassear no consultório, de modo que, no fim da sua vida clínica, só o procuravam em seu gabinete médico aqueles que não tinham recursos. Nerval de Gouveia, a-pesar-de êsse formidável contratempo, não modificou sua norma de carinhosa bondade. Avaliando-se pelas suas horas de trabalho, pelo seu talento de professor e pela sua fama de médico, diagnóstico seguro e curas maravilhosas, devera nadar em ouro! E, no entretanto, sua caridade fê-lo morrer pobre! Fui o inventariante de seus bens. Dos bens! Só deixou livros, imagens de santos e... dividas. O que se apurou no leilão de sua valiosa biblioteca mal deu para pagar velhos compromissos acrescidos de pesados juros acumulados. E todavia, ainda no último mês de vida distribuiu seus vencimentos de professor jubilado com os pobres que lhe encamavam, à porta, no principio de cada semana».

A Providência temperou as cousas deste mundo de modo que se podem simbolizar tôdas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de

contas, travo e mais travo ao pé do caroço.

Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo: chamam-se marido e mulher.

Esta época transitória tem a sua fórmula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a frase lua de mel: o português diz ano de noivos. E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano.

Heculano.

Em livro recente, Madame Marcelle Auclair receita como remédio eficaz, contra as desfeitas e penas do amor, o estudo gramatical das linguas vivas, sobretudo a conjugação dos verbos irregulares, as declinações, etc. Talvez Marcelle tenha visto o caso ao claro. E não dá vontade de dizer a uma linda mulher:

— Vamos experimentar ter penas de amor, para, depois, aprendermos a conjugar os verbos irregulares?

Não é vulgar, na literatura romantica, um livro de mulher que seja feminino, pelo contrario, as mulheres escritoras fazem gala, ou pelo menos, marcado acento, de masculinação no estilo, na inventiva, na psicologia das personagens, e até, por vezes, na audácia com que acometem o escabroso das situações. Parece deixarem, combinando, e, quando, já elles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica, que também havia fundado e a várias obras de assistência social! Raro alguém tetá dispendido tanta e tão variada soma de labor intelectual e dispêndio físico. Professor distinto, de eloquência afável, e médico de renome. Em seu consultório — conta o seu sucessor na Escola Politécnica, Everardo Backeuser — tão frequentado por gente de alta posição social, para não vexar os pobres com preterições amesquinhantes, entregava-lhes cartões de entrada na mesma ordem da chegada, entremendo-os com os que se compravam na verdade... Ao vê-los, a êsses necessitados, entrar no gabinete do médico, orgulhosamente, carregando o seu cartão numerado, ninguém pudera imaginá-los recebendo um obsequio e ainda menos uma esmola... Nem todos suportavam essa magnanimidade do coração de Nerval. Considerando-a um vexame para a sua riqueza, começaram a escassear no consultório, de modo que, no fim da sua vida clínica, só o procuravam em seu gabinete médico aqueles que não tinham recursos. Nerval de Gouveia, a-pesar-de êsse formidável contratempo, não modificou sua norma de carinhosa bondade. Avaliando-se pelas suas horas de trabalho, pelo seu talento de professor e pela sua fama de médico, diagnóstico seguro e curas maravilhosas, devera nadar em ouro! E, no entretanto, sua caridade fê-lo morrer pobre! Fui o inventariante de seus bens. Dos bens! Só deixou livros, imagens de santos e... dividas. O que se apurou no leilão de sua valiosa biblioteca mal deu para pagar velhos compromissos acrescidos de pesados juros acumulados. E todavia, ainda no último mês de vida distribuiu seus vencimentos de professor jubilado com os pobres que lhe encamavam, à porta, no principio de cada semana».

A Providência temperou as cousas deste mundo de modo que se podem simbolizar tôdas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de

contas, travo e mais travo ao pé do caroço.

Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo: chamam-se marido e mulher.

Esta época transitória tem a sua fórmula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a frase lua de mel: o português diz ano de noivos. E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano.

Heculano.

Em livro recente, Madame Marcelle Auclair receita como remédio eficaz, contra as desfeitas e penas do amor, o estudo gramatical das linguas vivas, sobretudo a conjugação dos verbos irregulares, as declinações, etc. Talvez Marcelle tenha visto o caso ao claro. E não dá vontade de dizer a uma linda mulher:

— Vamos experimentar ter penas de amor, para, depois, aprendermos a conjugar os verbos irregulares?

Não é vulgar, na literatura romantica, um livro de mulher que seja feminino, pelo contrario, as mulheres escritoras fazem gala, ou pelo menos, marcado acento, de masculinação no estilo, na inventiva, na psicologia das personagens, e até, por vezes, na audácia com que acometem o escabroso das situações. Parece deixarem, combinando, e, quando, já elles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica, que também havia fundado e a várias obras de assistência social! Raro alguém tetá dispendido tanta e tão variada soma de labor intelectual e dispêndio físico. Professor distinto, de eloquência afável, e médico de renome. Em seu consultório — conta o seu sucessor na Escola Politécnica, Everardo Backeuser — tão frequentado por gente de alta posição social, para não vexar os pobres com preterições amesquinhantes, entregava-lhes cartões de entrada na mesma ordem da chegada, entremendo-os com os que se compravam na verdade... Ao vê-los, a êsses necessitados, entrar no gabinete do médico, orgulhosamente, carregando o seu cartão numerado, ninguém pudera imaginá-los recebendo um obsequio e ainda menos uma esmola... Nem todos suportavam essa magnanimidade do coração de Nerval. Considerando-a um vexame para a sua riqueza, começaram a escassear no consultório, de modo que, no fim da sua vida clínica, só o procuravam em seu gabinete médico aqueles que não tinham recursos. Nerval de Gouveia, a-pesar-de êsse formidável contratempo, não modificou sua norma de carinhosa bondade. Avaliando-se pelas suas horas de trabalho, pelo seu talento de professor e pela sua fama de médico, diagnóstico seguro e curas maravilhosas, devera nadar em ouro! E, no entretanto, sua caridade fê-lo morrer pobre! Fui o inventariante de seus bens. Dos bens! Só deixou livros, imagens de santos e... dividas. O que se apurou no leilão de sua valiosa biblioteca mal deu para pagar velhos compromissos acrescidos de pesados juros acumulados. E todavia, ainda no último mês de vida distribuiu seus vencimentos de professor jubilado com os pobres que lhe encamavam, à porta, no principio de cada semana».

A Providência temperou as cousas deste mundo de modo que se podem simbolizar tôdas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de

contas, travo e mais travo ao pé do caroço.

Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo: chamam-se marido e mulher.

Esta época transitória tem a sua fórmula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a frase lua de mel: o português diz ano de noivos. E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano.

Heculano.

Em livro recente, Madame Marcelle Auclair receita como remédio eficaz, contra as desfeitas e penas do amor, o estudo gramatical das linguas vivas, sobretudo a conjugação dos verbos irregulares, as declinações, etc. Talvez Marcelle tenha visto o caso ao claro. E não dá vontade de dizer a uma linda mulher:

— Vamos experimentar ter penas de amor, para, depois, aprendermos a conjugar os verbos irregulares?

Não é vulgar, na literatura romantica, um livro de mulher que seja feminino, pelo contrario, as mulheres escritoras fazem gala, ou pelo menos, marcado acento, de masculinação no estilo, na inventiva, na psicologia das personagens, e até, por vezes, na audácia com que acometem o escabroso das situações. Parece deixarem, combinando, e, quando, já elles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica, que também havia fundado e a várias obras de assistência social! Raro alguém tetá dispendido tanta e tão variada soma de labor intelectual e dispêndio físico. Professor distinto, de eloquência afável, e médico de renome. Em seu consultório — conta o seu sucessor na Escola Politécnica, Everardo Backeuser — tão frequentado por gente de alta posição social, para não vexar os pobres com preterições amesquinhantes, entregava-lhes cartões de entrada na mesma ordem da chegada, entremendo-os com os que se compravam na verdade... Ao vê-los, a êsses necessitados, entrar no gabinete do médico, orgulhosamente, carregando o seu cartão numerado, ninguém pudera imaginá-los recebendo um obsequio e ainda menos uma esmola... Nem todos suportavam essa magnanimidade do coração de Nerval. Considerando-a um vexame para a sua riqueza, começaram a escassear no consultório, de modo que, no fim da sua vida clínica, só o procuravam em seu gabinete médico aqueles que não tinham recursos. Nerval de Gouveia, a-pesar-de êsse formidável contratempo, não modificou sua norma de carinhosa bondade. Avaliando-se pelas suas horas de trabalho, pelo seu talento de professor e pela sua fama de médico, diagnóstico seguro e curas maravilhosas, devera nadar em ouro! E, no entretanto, sua caridade fê-lo morrer pobre! Fui o inventariante de seus bens. Dos bens! Só deixou livros, imagens de santos e... dividas. O que se apurou no leilão de sua valiosa biblioteca mal deu para pagar velhos compromissos acrescidos de pesados juros acumulados. E todavia, ainda no último mês de vida distribuiu seus vencimentos de professor jubilado com os pobres que lhe encamavam, à porta, no principio de cada semana».

A Providência temperou as cousas deste mundo de modo que se podem simbolizar tôdas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de

contas, travo e mais travo ao pé do caroço.

Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo: chamam-se marido e mulher.

Esta época transitória tem a sua fórmula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a frase lua de mel: o português diz ano de noivos. E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano.

Heculano.

Em livro recente, Madame Marcelle Auclair receita como remédio eficaz, contra as desfeitas e penas do amor, o estudo gramatical das linguas vivas, sobretudo a conjugação dos verbos irregulares, as declinações, etc. Talvez Marcelle tenha visto o caso ao claro. E não dá vontade de dizer a uma linda mulher:

— Vamos experimentar ter penas de amor, para, depois, aprendermos a conjugar os verbos irregulares?

Não é vulgar, na literatura romantica, um livro de mulher que seja feminino, pelo contrario, as mulheres escritoras fazem gala, ou pelo menos, marcado acento, de masculinação no estilo, na inventiva, na psicologia das personagens, e até, por vezes, na audácia com que acometem o escabroso das situações. Parece deixarem, combinando, e, quando, já elles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica, que também havia fundado e a várias obras de assistência social! Raro alguém tetá dispendido tanta e tão variada soma de labor intelectual e dispêndio físico. Professor distinto, de eloquência afável, e médico de renome. Em seu consultório — conta o seu sucessor na Escola Politécnica, Everardo Backeuser — tão frequentado por gente de alta posição social, para não vexar os pobres com preterições amesquinhantes, entregava-lhes cartões de entrada na mesma ordem da chegada, entremendo-os com os que se compravam na verdade... Ao vê-los, a êsses necessitados, entrar no gabinete do médico, orgulhosamente, carregando o seu cartão numerado, ninguém pudera imaginá-los recebendo um obsequio e ainda menos uma esmola... Nem todos suportavam essa magnanimidade do coração de Nerval. Considerando-a um vexame para a sua riqueza, começaram a escassear no consultório, de modo que, no fim da sua vida clínica, só o procuravam em seu gabinete médico aqueles que não tinham recursos. Nerval de Gouveia, a-pesar-de êsse formidável contratempo, não modificou sua norma de carinhosa bondade. Avaliando-se pelas suas horas de trabalho, pelo seu talento de professor e pela sua fama de médico, diagnóstico seguro e curas maravilhosas, devera nadar em ouro! E, no entretanto, sua caridade fê-lo morrer pobre! Fui o inventariante de seus bens. Dos bens! Só deixou livros, imagens de santos e... dividas. O que se apurou no leilão de sua valiosa biblioteca mal deu para pagar velhos compromissos acrescidos de pesados juros acumulados. E todavia, ainda no último mês de vida distribuiu seus vencimentos de professor jubilado com os pobres que lhe encamavam, à porta, no principio de cada semana».

A Providência temperou as cousas deste mundo de modo que se podem simbolizar tôdas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de

contas, travo e mais travo ao pé do caroço.

Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo: chamam-se marido e mulher.

Esta época transitória tem a sua fórmula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a frase lua de mel: o português diz ano de noivos. E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano.

Heculano.

Em livro recente, Madame Marcelle Auclair receita como remédio eficaz, contra as desfeitas e penas do amor, o estudo gramatical das linguas vivas, sobretudo a conjugação dos verbos irregulares, as declinações, etc. Talvez Marcelle tenha visto o caso ao claro. E não dá vontade de dizer a uma linda mulher:

— Vamos experimentar ter penas de amor, para, depois, aprendermos a conjugar os verbos irregulares?

Não é vulgar, na literatura romantica, um livro de mulher que seja feminino, pelo contrario, as mulheres escritoras fazem gala, ou pelo menos, marcado acento, de masculinação no estilo, na inventiva, na psicologia das personagens, e até, por vezes, na audácia com que acometem o escabroso das situações. Parece deixarem, combinando, e, quando, já elles andavam profibidos de se verem e falarem, o pascão do pai, o velho tonto, voltou, com não sei quantas costelas partidas e as bôlsas vãs, aqulado pelos credores, que eram mais que as suas matilhas de caça, de embôfia e castigo — sempre a inocência a pagar como ré! — meteram-na no Convento de Vila do Conde. E a donzelinha, que por seu mal criara amor de raiz ao prometido, fechada na cela, a coitada, em lágrimas desfazia o coração. Mas, um dia, reparou, lá do alto, no manso rio claro, nas águas do Ave, em cujas margens, perto da nasçença, se erguia a casa e estendiam os jardins do que lhe destinavam e ela elegera, no affecto, seu noivo. De então, a pobre, levava os dias a ler nas águas que passavam, e a ouvir notícias dele, dos seus pensamentos, das suas tristezas, das saudades — querido anjo! —, que lhe imaginava, a vê-lo correr, sorrir, sentar-se na margem, a pensar...

O Senhor teve piedade dela e até a levar deu-lhe o conforto de tam doce ilusão...

(Continua).

Nerval de Gouveia foi um homem de formosa actividade: engenheiro civil, doutor em ciências físicas, matemáticas e naturais, clínico (e partidário ferrenho do sistema hanemanniano), bacharel em direito, professor de física e química do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, catedrático de mineralogia, geologia e paleontologia da Escola Politécnica, «professando com desembarço e segundo as eventualidades e exigências de momento, sucessiva e até conjuntamente várias cátedras da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro», leccionava ainda em diversos gímnsios e Liceus de ensino secundário, fundava e dirigia o Gímnsio Brasileiro, no Cateite, instituto de ensino secundário, para o sexo feminino, e era redactor em chefe do diário A União, presidia à Federação Académica

desporto

Foot-ball

Eleição dos novos Corpos Gerentes — O «Vitória» na Póvoa de Varzim — Hoje, sensacional desfaio em Barcelos.

Na passada 2.ª-feira, na sede do Vitória Sport Club, teve lugar a Assembleia Geral Ordinária desta importante colectividade desportiva...

Depois de declarada aberta a sessão, o illustre Presidente concedeu meia hora para a livre discussão de assuntos de interesse para o Club...

Decorridos os 10 minutos concedidos para descanso, entrou-se na 2.ª parte da Ordem de Noite e referente à eleição da nova Gerência.

O sr. António Neves, finda esta discussão acentadamente técnica, enviou para a mesa duas propostas...

Decorridos os 10 minutos concedidos para descanso, entrou-se na 2.ª parte da Ordem de Noite e referente à eleição da nova Gerência.

Os novos corpos gerentes tomarão posse no decorrer da presente semana.

No passado domingo o nosso Grupo de Honra deslocou-se à Póvoa de Varzim onde effectou um desafio com o «Varzim Sport Club».

Segundo informações colhidas, apesar da superioridade técnica demonstrada no decorrer da partida pela turma vimaranense, o grupo pôveiro conseguiu chegar ao final do segundo tempo a ganhar por 1 a 0.

Dada a boa forma em que se encontra o grupo visitado — pois ainda no último domingo bateu o «Sporting Club de Braga» —, de esperar é que o desafio decorra num ambiente de caloroso entusiasmo e de reconhecimento desportivismo.

Ciclismo

Giro do Minho — Raid-Turístico a Lisboa

É hoje que se realiza o «Giro do Minho», patrocinado pelo «Jornal de Notícias», do Porto.

O «Vitória», fiel ao desejo de muito contribuir para o engrandecimento do Desporto nacional, envia também a sua equipa representativa e, confia-

pedra e, nos seus extremos, realça a disposição de vários vasos monumentais, já floridos.

Uma vez que este belo esforço não encontra dificuldades na sua necessária expansão. São os votos que formula m sincero apaixonado da Penha e das suas belezas incomparáveis — únicas.

Do «Jornal de Notícias»

S. B.

do no valor desportivo dos seus ciclistas, espera conquistar um lugar honroso na prova que se disputa, aureolando em glória a nossa querida Guimarães.

Amanhã, também o corredor inscrito Manuel de Magalhães Bastos, parte para Lisboa num raid turístico e de estudo, que, num futuro mais ou menos próximo, há-de proporcionar ao club vimaranense maior culminação de glórias.

Pevidém, 20 — A' ridente vila de Gondomar, deslocou-se no passado domingo 18, a briosa equipa ciclista do Club Recreativo do Pevidém...

Apesar da dureza da prova e das numerosas equipas que a disputaram, sem dúvida as melhores do norte, os corredores do Pevidém souberam portar-se com galhardia conquistando respectivamente os 1.º e 2.º lugares da classificação geral e o 1.º por equipas.

É, pois, dever fundamental dos desportistas do Pevidém, auxiliar o seu Club desportivo para que este amanhã possa representar a sua terra nas grandes provas, o que só nos dignifica.

Apresentamos, pois, aos dirigentes do C. R. do Pevidém, bem como aos estradistas, os nossos sinceros parabéns pela forma como honradamente defenderam a sua colectividade e a nossa terra. — C.

da cidade

Diversas Notícias

Presidente da Câmara

Reassumiu, as funções de Presidente da Câmara, o nosso prezado amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

A matrícula na Escola Industrial e Commercial

A- pesar de ter terminado no preterito dia 20 o prazo normal para a efectivação da matrícula na Escola I. e C. de «Francisco de Holanda» a faculdade de qualquer interessado se poder matricular subsiste até Outubro próximo...

Romaria de S. Mateus

Realiza-se hoje, na freguesia de Gonça, deste Concelho, a Romaria de S. Mateus que costuma ser muito concorrida, havendo durante o dia carreiras de caminhetas entre esta cidade e aquela local.

Preços das carnes verdes

O sr. Presidente da Câmara convocou a Comissão Organizadora do Grémio dos Industriais de Carnes Verdes deste concelho...

Legião Portuguesa

Com pedido de publicação recebemos o seguinte aviso: «Avisamos se todos os legionários e legionárias a comparecerem no Quartel desta Delegação Concelhia...

Quartel em Guimarães, 20 de Setembro de 1938.

O Delegado Concelhio, (a) Manuel J. R. da Cruz.

Garraiada

Conforme estava anunciado realizou-se no domingo passado na Praça de Touros «João de Melo», a Garraiada levada a efeito pela Comissão das Festas da Cidade...

Pela policia

Benjamim de Magalhães Vasconcelos, Tenente reformado de Infantaria, casado, apresentou queixa na policia, contra António Faria e outros, por insultos dirigidos a sua esposa...

— Ana Mendes, casada, lavradeira, da freguesia de Santa Marinha da Costa, queixou-se à policia contra Manuel Ribeiro e sua mulher Ana Ribeiro, da mesma freguesia, por

agressão à bofetada e a pontapé, o que lhe causou vários ferimentos pelo corpo;

O rev. António Gomes de Freitas, digno Pároco da freguesia de Gémeos, deste concelho, comunicou ao sr. Administrador do Concelho que, no lugar da Boavista, freguesia de Pinheiro, também deste concelho, se encontra uma mulher, viúva e com muitos filhos menores...

Conselho Municipal

Hoje, dia 25, ás 21 horas, reúne o Conselho Municipal, a fim de fixar as percentagens adicionais às colectas das Contribuições do Estado e para a afixação e aprovação da remuneração a atribuir ao Presidente da Câmara pelo exercício das suas respectivas funções.

Criança escaldada

Por se ter escaldado com uma panela de água, faleceu ontem uma criança, de pouco mais de 2 anos de idade, filha do operário Mário Soares e de sua mulher Maria Torcato Ribeiro, residentes na Rua da Ramada.

Intelectuais franceses

Os intelectuais franceses que andam a percorrer o nosso país, estiveram na quarta feira em Guimarães, visitando o seu Castelo e outros monumentos e Museus, que muito admiraram.

Câmara Municipal

Sessão de 23 — Em sua sessão de 23 a Câmara Municipal deliberou: aprovar o projecto e orçamento de ligação da água da rede pública para a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra...

De luto

Pelo falecimento de uma sua cunhada encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. Jacinto José Ribeiro Os nossos pésames.

Serviço de farmácias

Hoje está de serviço permanente a farmácia Barbosa, à Praça de D. Afonso Henriques.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Amanhã, 26, passa o aniversário natalicio da veneranda senhora D. Maria Joaquina Dias Pinto, estremosa mãe dos nossos prezados amigos sr. Dr. Mário Dias de Castro, Agostinho, João, Francisco e do nosso querido Director sr. Antonino Dias Pinto de Castro.

A virtuosa senhora, bem como a seus filhos, apresentam todos quantos neste semanário trabalham as suas mais efusivas saudações.

Fizeram e fazem anos:

No dia 18, o nosso prezado amigo sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães; no dia 20 a sr.ª D. Maria Delfina do Espírito Santo Alves Neves; no dia 24, o sr. Avelino Ferreira Meireles; também fez há dias anos o nosso bom amigo sr. Augusto Aguiar Júnior.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos.

Nascimento

Teme a sua delivrance, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas. Parabens.

Baptizado

Na igreja de N. S. da Oliveira, baptizou-se há dias um filhinho do nosso prezado amigo sr. Alberto Laranjeiro dos Reis, que recebeu o nome de Alberto Oswald. Foram padrinhos o sr. Oswaldo Correia da Silva, do Porto e sua esposa.

Salvador Braga

Salvador Braga, espirito culto e interessante, jornalista de merecimento, camarada leal e amigo, retirou anteriormente para o Porto, após um estagio de algumas semanas na nossa Estância da Penha, que tanto admira e cujas belezas tanto e tão bem tem sabido elogiar nas suas magnificas crónicas no «Jornal de Notícias».

Botelho de Souza — Com sua esposa, esteve há dias nesta cidade, de visita ao sr. Salvador Braga, o nosso prezado amigo e distinto colega do «Jornal de Notícias», sr. Botelho de Souza.

Partidas e chegadas

Regressou de Francelos, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. João Teixeira de Aguiar.

Partiu para Monsul, Póvoa de Lanhoso, onde vai demorar-se uns dias, o nosso querido amigo e illustre Colaborador, sr. P.º Domingos José da Costa Araújo.

— Com sua esposa, encontra-se no seu Solar de Felgueiras, o nosso prezado amigo sr. Dr. Maximiano Pinto de Simões.

— Com sua gentil filha, partiu para Airões (Douro) o nosso bom amigo e

distinto oficial do exercito sr. Major António J. T. Miranda.

— Teem estado entre nós a sr.ª D. Carolina Teixeira Pereira, viúva do saudoso vimaranense sr. Luis António Pereira, acompanhada de seus filhos o distinto Oficial da Armada e nosso prezado amigo sr. Carlos Teixeira da Silva e Luis Teixeira Pereira.

— Também tem estado nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Coronel Luis Pereira Loureiro.

— Com sua familia encontra-se na Póvoa de Varzim, o nosso bom amigo sr. Tenente Mário Pinheiro.

— Tem estado, com sua esposa, na Foz do Douro, o nosso prezado amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

— Com suas familias regressaram da Póvoa de Varzim, os nossos bons amigos srs. João Mendes Fernandes, António José Pereira Rodrigues, António Lima, Avelino Ferreira Meireles e Sebastião de Freitas.

— Encontra-se na mesma Praia com sua familia, o nosso bom amigo sr. Francisco da Cunha Mourão.

— Com sua esposa, partiu para Lisboa, a fim de embarcar para Angra do Heroísmo, o nosso bom amigo sr. Sargento Júlio Mendes.

— Com sua irmã regressou das suas propriedades de Santo Amaro, o distinto sacerdote e nosso bom amigo rev. José Ferreira Leite.

— Com sua esposa regressou das Termas de S. Vicente à sua casa de Vila Nova de Gaia o nosso querido amigo e illustre colaborador, sr. Delírio de Guimarães.

— Tem estado entre nós de visita a sua familia, o também nosso querido amigo e illustre Colaborador sr. Leão Martins.

— Foi de visita a seus netos à Praia de Ancora, o respeitável capitalista sr. João Rodrigues Loureiro.

— Regressou à sua casa de Jugueiros, o nosso prezado amigo e distinto advogado-notário nesta comarca, sr. Dr. Francisco Moreira Sampaio.

— Esteve há dias nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Major António Quadros Flores.

— Com sua familia partiu para a Quinta do Bairro, Tagilde, o nosso prezado amigo sr. Alberto da Cunha e Castro.

— Com sua familia regressou da Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo sr. Joaquim da Silva Eugénio.

Doentes

De Francelos, regressou a esta Cidade continuando bastante doente, o nosso prezado amigo sr. José Fernandes Guimarães a quem desejamos o mais breve restabelecimento.

— Continuum doentes os nossos amigos srs. Joaquim de Sousa Dias, José Fernandes Guimarães e Carlos Ferreira Martins. Desejamos as suas melhoras.

— Em Infias, onde reside, encontra-se gravemente enferma uma filha do nosso amigo sr. Francisco Pinto do Amaral e de sua esposa a sr.ª D. Camilla Gomes. Desejamos as suas melhoras.

do concelho

Pevidém, 22 — Realizou-se no passado domingo, com muita imponência, uma festa em honra de N. Senhora do Rosário a qual esteve muito concorrida, abrilhantando-a a afamada banda do Pevidém.

Também se realiza em 16 de Outubro uma importante festividade em honra de N. Senhora do Leite que se venera na sua capelinha em S. Jorge de Selho, cujo programa se publicará no próximo número.

A Comissão organizadora das grandes festas do Pevidém, a realizar no verão de 1939, já iniciou os seus primeiros trabalhos, tendo todos os operários das fábricas dado uma pequena importância por semana para as mesmas.

De visita aos srs. Correias, do Crasto, esteve entre nós o rev. sr. Padre Albino Lopes Cardoso, dig.º pároco da freguesia de Brito.

Também esteve entre nós o sr. João Pinto Coelho Simões de Faria.

Também de visita ao sr. José Silvério Ferreira Pinto, esteve entre nós o sr. Manuel Ribas, illustre redactor do Comércio do Porto.

Fêz anos a esposa do nosso amigo sr. Carlos Machado. Os nossos parabens.

Após dolorosos sofrimentos, faleceu na passada sexta-feira a sr.ª D. Maria da Costa Cardoso que no nosso meio era muito estimada. O seu funeral que esteve bastante concorrido, realizou-se ontem ás 9 horas.

A familia dorida apresentamos as nossas condolências.

S. Torcato, 23 — A Mesa da Irmãmande de S. Torcato, em virtude de haver grande falta de água, proibiu a tiragem da que se encontra depositada nos tanques existentes neste local.

Foi uma medida acertada pois os mesmos tanques são os únicos aqui existentes e só destes se poderá tirar a água para acudir a um incendio que porventura se dê.

O sr. Alberto Pimenta Machado que se encontra com sua ex.ª familia no seu palacete de Subdeveza e a quem se deve uma grande parte dos melhoramentos feitos nesta linda Estância, continua a fazer grandes melhoramentos nos seus prédios, onde trabalham grande número de operários de diferentes profissões, os quais, se não fosse este benefico, teriam de

agüentar a grande crise de trabalho, estando desempregados como o estão também grande número de trabalhadores existentes nesta freguesia.

Encontram-se hospedados nas diferentes casas desta Estância, os srs. Augusto Joaquim da Silva Guimarães, dessa cidade e Bernardo Marques Henriques, de Oliveira de Barreiros — Viseu.

De visita a sua tia encontra-se entre nós a menina D. Glória Machado Lobo, do Porto.

Também esteve entre nós, no passado domingo, o nosso prezado amigo sr. Manuel da Silva Guimarães, empregado comercial em Santo Tirso.

Por informações recebidas sabemos que tem estado doente, em Vila Verde, a sr.ª D. Laurinda de Brito Sepúlveda, esposa do distinto professor desta freguesia, sr. João Roberto Teixeira de Sepúlveda. Desejamos as rápidas melhoras de tão bondosa senhora. — C.

Urgezes, 23 — Avisinha-se o inverno, e expirou-se, a bem dizer, a época mais própria do ano, para o começo das obras de conclusão no Bairro Operário. Sim; porque o que ainda falta fazer-se, como arreamentos, obras de saneamento, canalização de águas, etc., não cremos seja próprio para o tempo que se aproxima. Portanto, serão uns meses mais de paralisia neste Bairro, a juntar aos já neste estado passados, se porventura para o ano as restantes obras se concluírem...

Felizmente, que este mal de paralisia, que nesta terra um tanto imperra, não tem sido extensivo às obras de iniciativa particular. Ainda bem.

E a propósito: — A par do importante edificio do «Teatro Jordão», anda em construção uma também importante «Garage» (novas instalações da garage Avenida) que, pelo seu aspecto já, dá mostras de um belo acabamento.

Iniciativas como estas, e de tam engrandecimento local, são bem dignas de unisonos encômios.

Tem chovido qualquer coisinha estes últimos dias, o que muito veio beneficiar não só a agricultura, no que diz respeito, principalmente a pastos e hortaliças, como ainda os nossos ricos pulmões, tão sedentos de ar puro, tais foram as poeiradas que durante toda a estiagem tivemos que suportar, não obstante os nossos rogos! — C.

II Missão Estética de Férias

Como noticiamos no último número, no dia 16 do corrente, teve lugar no salão nobre da Sociedade M. Sarmiento a 1.ª lição realizada pelo Sr. Dr. Aarão de Lacerda como Director da II Missão Estética de Férias, com estagio nesta cidade, desde Agósto pretérito.

A conferência deste pequeno curso de arte, composto de seis lições, teve uma selecta concorrência de sócios da instituição cultural vimaranense, além dos membros da referida colónia de Férias.

Como prelúdio inaugural destas lições, o sr. Capitão Mário Cardoso, illustre presidente da Sociedade Martins Sarmiento, dirigiu palavras de saudação não só ao conferente, como aos seus alunos da Missão Estética de Férias, significando-lhes o apreço da instituição vimaranense pelos trabalhos de arte em realização, os quais viriam valorizar o caracter monumental e artístico da velha cidade afonseina.

O illustre professor Sr. Dr. Aarão de Lacerda dá em seguida começo à sua 1.ª lição, dissertando eruditamente sobre as manifestações de intuição artística nos povos da pré-história — preparado por este modo os alunos deste curso de férias para a sua próxima visita à notável estação arqueológica da Citânia, que teve lugar na 2.ª feira seguinte.

Uma lição que durou hora e meia, foi acompanhada de projecções, produzidas com o auxílio da magnifica lanterna da Escola Industrial desta cidade.

A segunda lição da série realizou-a o illustre Professor na passada terça-feira, ainda com o objectivo de estudar alguns dos problemas fundamentais que sugere a arte citaniense. Falou ainda da arte céltica e das suas zonas de expansão e das principais áreas da cultura pré-romana. Aludiu a propósito à obra de Alberto Sampaio, mencionando algumas das suas notáveis conclusões que tanto completam a contribuição dada por Martins Sarmiento à arqueologia peninsular.

Por último realçamos os Iberos desde as hipóteses que explicam as suas origens até à arte que largamente documentou com a projecção das principais obras plásticas. Terminou citando Alvão e a larga controvérsia que os achados desta notável estação transmontana levantaram citando as conclusões do professor Mendes Correia tão esclarecedoras para a cronologia do espólio dolménico.

A terceira conferência realizou-se na quarta-feira e foi dedicada ao estudo do Pre-românico. O illustre conferente lembrou o mundo bárbaro, a onde toda que invadiu os occidente, referindo-se então aos visigodos que se estabeleceram na Peninsula ibérica, bem como à sua arte de torres e joalheiros, para dizer o que foi a sua arquitectura, com a projecção de uma numerosa exemplificação dos principais monumentos visigóticos, detendo-se na análise aos edificios religiosos existentes em Portugal.

Na quinta-feira, o Professor Aarão de Lacerda fez a sua quarta conferência sobre o Românico que, como as

anteriores, ilustrada também com a projecção das principais espécies nacionais. Historiou a formação deste estilo, partindo da França, radiando-se noutros países, implantando-se fortemente na E-panha. Fala das teses de Porter e Guinard relativas ao papel desempenhado pelos architectos e plastifices espanhóis.

Dentre as várias escolas do Românico especializou a de Auvergne e mencionou os principais factores que contribuíram para a difusão deste estilo em Portugal. Recorda com oportunidade os nomes de Joaquim de Vasconcelos e de Marques Abreu, este o colaborador e companheiro inseparável do primeiro, o Mestre, na aceção mais alta da palavra. Não esqueceu o nome de Manuel Monteiro, o autor da modelar monografia sobre S. Pedro de Rates, cuja introdução ainda devemos considerar hoje o melhor trabalho si-nóptico do Românico em Portugal, agora completado por um breve mas valioso estudo dos temas historiadros lavrados sobre as arquivoltas da porta principal da Sé de Braga.

O conferente analisa alguns dos mais belos exemplares portugueses, desde os citadinos, como as catedrais de Coimbra e Evora, aos rurais, louvando a sua impressionante majestade ou a sua comovida humildade.

No próximo sábado falará também na Sociedade Martins Sarmiento, ás 21 e meia horas, o estagiário dr. Alberto de Sousa, da Missão Estética de Férias: a sua conferência, que deve ser do mais actual interesse, tratará da «Visão e deformação estética na Arte».



Uma mulher bonita, com jóias, é apenas uma mulher bonita... Uma mulher bonita, com uma jóia, é uma mulher bonita duas vezes!

OURIVESARIA ANCORA Rua 31 de Janeiro, 21 a 25 Telefonic, 6078 P O R T O

A ASSOCIAÇÃO DOS SOKOLS

Em 1862 um filósofo e esteta tcheco, o dr. Misolay Tyrs, para restituir à nação tcheca, oprimida pelo império da Austria, a sua força e o seu ideal patriótico, reunia, a grande custo, setenta e cinco moços para fundar com eles a Associação dos «Sokols».

O emblema do grupo era uma pena de falcão. Tratava-se, sob a capa da ginástica, de despertar as energias tchecas e preparar a libertação da raça.

Vinte anos após a sua fundação, contavam os Sokols muitas dezenas de milhares de membros; e o seu congresso de 1882 foi já devesas importante. Em 1889 conquistavam o primeiro prémio nos concursos internacionais de ginástica effectuados em Paris.

O precursor, dr. Tyrs, tinha morrido alguns anos antes, num desastre de alpinismo.

Actualmente são os Sokols a perto de um milhão. E este ano a população de Praga, por rrsim dizer, e curiosos de muitos países foram assistir aos admiráveis exercicios de ginástica que se realizaram no maior stadium da capital tcheca.

Da «Revista da Semana».

OURIVESARIA SOUSA

Sousa & Coelho

A casa mais especializada em jóias gênero antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter oficinas próprias.

Confrontem os preços desta casa.

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Resultados do n.º 2-1.ª Série

PRODUTORES:

Quadro de distinção

Odracir
(9 votos)

Outras votações: — Dr. X, 2 votos; Reirobi, 2 v.; José do Canto, 1 v.

Soluções

1 — safr; 2 — solar; 3 — postres; 4 — lado; 5 — vitela; 6 — fábricas; 7 — devolver; 8 — legume; 9 — outeiro.

DECIFRADORES:

Quadro de Honra

A'dé, Don Zé Franuli, Doralvas, Dr. X., João da Aldeia, José do Canto, Matatudo, Odracir, Pacatão, P. de Inkin, Psole, Quico, Reirobi e Vaniloquo.

Totalistas.

Quadro de Mérito

A. L. C. e Incógnito — 8.

ANULAÇÃO — Por ter saído errada a primeira parcial da novíssima n.º 6 do n.º 4, fica este ponto anulado, do que pedimos desculpa ao autor.

1.ª Série Charadismo N.º 5

Sincopadas

NÃO ME ESQUEÇAS...

1) Tu, oh minha linda Manuela, P'ra mim és um amor que perdura; E, quando te vejo, Manela, Pasmado ante tanta formosura.

P'ra mim és a imagem da Virgem Que retornou ao mundo infeliz. Se te vejo tenho uma vertigem... Sonho: um lar, eu, tu e um petiz.

Tua formosura foi «cunhada» P'los maiores artistas que há no céu. 'stá pois a razão justificada Porque este amor não pereceu. — 3-2.

Lisboa. Pescartas (T. E. e Abexins).

2) O partidário da fronda, traz má notícia. — 3-2.

Guimarães. Délia.

3) A máquina deve abrandar para não te partir em migalhas. — 3-2.

Guimarães. Psole.

4) A prisão está cheia daqueles que fazem da bebedeira o seu culto. — 3-2.

Lisboa. Rotie (T. E.).

Novíssimas

5) O relógio de S. Pedro, bate as horas com vaidade. — 2-1.

Guimarães. Dr. X.

6) Uma nota musical e uma letra grega estavam escritas na abazinha do chapéu. — 1-2.

Guimarães. Quico.

Todos os trabalhos fotográficos projectados durante as Conferências do grande crítico d'arte e professor Ex.º Dr. Aarão de Lacerda, na Sociedade Martins Sarmiento, foram executados na

Foto Cine.

Foto Cine: para Arte, Luz e Côr-L. da Oliveira, 19.

(149)

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

IRMANDADE DAS ALMAS

No convento de Santa Clara existia canonicamente instituída uma Irmandade desta denominação, constituída somente pelas suas religiosas (freiras) sendo a eleição, para os devidos cargos, feita anualmente, no côro, no mês de Novembro e cujos cargos eram: Juíza, tesoureira e escritã.

Assim em 1653 foi juíza a madre Brites Glória, tesoureira Catarina Iuz do Rosário e escritã soror Maria de Jesus; em 1678 foi eleita juíza a madre Escolástica de S. Bento, tesoureira soror Maria de Sant'Ana e escritã soror Inez de S. Luiz; em 1677 juíza a

madre Marta de Santo António, tesoureira soror Maria da Anunciação e escritã soror Maria de S. Domingos; em 1678 juíza madre Maria da Cruz, tesoureira Eugénia do Nascimento e escritã soror Francisca de S. José; em 1679 juíza a madre Maria de S. Domingos, tesoureira soror Marta do Salvador e escritã Maria de S. Paio; em 1686 juíza a madre Jerónima dos Serafins, tesoureira soror Clara do Calvário e escritã não houve porque não foi eleita assim como a juíza também não aceitou o cargo para que fôra eleita; em 1699 juíza madre Catarina da Trindade, tesoureira Luíza de S. António e escritã soror Mariana dos Santos; em 1692 juíza Mariana da Fé, tesoureira Ana da Conceição e escritã soror Madalena de Jesus; em 1693 juíza madre Inocência da Madre de Deus, tesoureira soror Sebastiana do Rosário e escritã soror Maria de S. Boaventura; em 1694 juíza madre Clara de Jesus, tesoureira soror Mariana da Graça e escritã soror Catarina de Jesus; em 1696 juíza madre

Da publicidade — como factor indispensável da vida moderna

A publicidade tornou-se um dos imperativos da vida moderna. Ninguém pode dispensá-la. — e só a ignorância de muitos poderá tomar a sério a insinceridade de alguns — poucos — que simulam «desinteressar-se» por ela...

A publicidade — e queremos referir-nos, especialmente, à que se faz através os jornais, — tornou-se o verdadeiro índice da actividade do mundo moderno. E' o «marcador» das suas pulsações... O Comércio e a Indústria têm ali o meio pronto e eficaz de se collocarem em contacto directo com o mundo que se propõe conquistar. E' o anúncio que estabelece uma «corrente simpática» entre o comerciante e o leitor da gazeta, propiciando a transacção. A fórmula é simples, — e não venham agora os psicólogos complicá-la...

A publicidade, dizíamos, é um dos mais fortes imperativos da vida moderna. Interessa tanto ao comerciante como ao consumidor. Temos a certeza de que, se o primeiro se decidisse — por um total eclipse da sua inteligência! — a pôr de parte a sua melhor arma, a publicidade, o segundo lhe exigiria. E com razão.

Porque o anúncio é, ainda, um apreciável meio de informação. E' através dele que o público encontra a possibilidade de exercer um indispensável controle sobre os preços, qualidades e marcas dos artigos que necessita obter, — sem necessidade de calcular artérias ou de hesitar na escolha dum informador... duvidoso.

O anúncio é sempre uma sugestão — atendível — e quasi sempre um negócio.

Porque assim é, compreende-se a importância que os grandes jornais estrangeiros outorgam às suas secções publicitárias. Dedicam-lhes o mais precioso do seu esforço. Não hesitam, mesmo, em lhes fazer as «honras da casa» — em plena primeira página. E não o fazem apenas — note-se! — em atenção ao próprio interesse, aliás legítimo: inspira-os o desejo de *melhor servir* a economia nacional, — a produção e o consumo.

Em Portugal, — tirante as honrosas excepções da praxe — o nosso industrial e o nosso negociante têm, sobre a publicidade, uma noção estreitíssima. Anunciam pouco e mal. Encaram a publicidade, como coisa esporádica, *de ocasião*, sem dela tirarem, o proveito de que é susceptível.

Ignoram — ou desprezam — os resultados certos, provenientes da *persistência no anúncio!*

Contentam-se com meias vitórias, e adormecem, sobre elas, a sono solto. Não saberão êles que a vida é uma continuação — *struggle for life?*

Ignorarão, por acaso, que parar é morrer?

Não se capacitaram ainda de que a publicidade é *absolutamente* indispensável. E não se trata, apenas, de *alargar* o raio de acção de cada qual, — ambição absolutamente legítima em quem trabalha: mas de *manter*, através do prestígio da propaganda, as posições conquistadas! E isso não é menos importante.

Na publicidade está a chama do «fogo sagrado» do êxito comercial; mas é preciso mantê-lo sempre vivo, — sem essas intermitências a que o sujeito alguns — para não dizer muitos, — dos nossos comerciantes e industriais.

Câmara Municipal

Sessão de 16 — A Câmara Municipal em sua sessão de 16, deliberou: Autorizar o pagamento de 3.092\$ de emolumentos devidos, pelo julgamento da conta desta Câmara da gerência de 1934-35, à Direcção Geral do Tribunal de Contas; solicitar autorização da entrega e funcionamento da Escola masculina do lugar de Campelos, freguesia de S. João de Ponte; encarregar Manuel Joaquim da Silva, de S. Salvador de Briteiros, da obra necessária na frontaria da mesma Escola; tomar conhecimento de se encontrar em pagamento a importância de 24.240\$24 para a reforma do balneário Municipi-

INTERNATO ACADÉMICO

anexo ao

Liceu Martins Sarmiento

TELEFONE, 139

TELEFONE, 139

GUIMARÃIS

Instrução

primária,

Secundária,

Cívica

(107)

Religiosa. mo edificio.

Colégio pa-

ra alunos

matriculados

no Liceu ins-

talado no mes-

Pedir prospectos à Direcção.

BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária
CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª
SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

FÁBRICA DE CORTUMES FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

VENDE-SE, situada no Porto, pronta a funcionar, com Alvará, terrenos e casa de habitação. Escreva a Jorge Nogueira Silvano, Rua de Gondarém, 705 — Porto.

Empregado-viajante

Para trabalhar na Província com artigos da indústria de Guimarães. Quem se encontrar habilitado, dirija-se a esta Redacção, onde lhe serão dados os competentes informes. (144)

Reunião de Crêdores

José da Silva Palmeira, convida por este meio os crêdores de sua falecida tia D. Madalena Carolina de Castro, a reunirem-se no próximo dia 2 de Outubro, às 15 horas, no antigo estabelecimento, à rua de Santo António, n.º 84, desta cidade, a fim de tratarem da liquidação do estabelecimento. Guimarães, 21 de Setembro de 1938.

(151) (a) José da Silva Palmeira.

D. Madalena Carolina de Castro
Na sua residência à rua de Santo António, finou-se na terça-feira, contando 75 anos de idade, a sr.ª D. Madalena Carolina de Castro, cujo funeral se realizou na quarta-feira, com a assistência de várias pessoas, na igreja da Misericórdia, após o que o cadáver foi trasladado para o Cemitério Municipal. A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Pelo falecimento de uma sua sobrinha e prima, respectivamente, ocorrido há dias em Lisboa, encontram-se de luto os nossos prezadíssimos amigos srs. Dr. Guilhermino Rodrigues e seus filhos os srs. Drs. Francisco e José Pinto Rodrigues, talentosos advogados nesta comarca, aos quais apresentamos os nossos cumprimentos.

— Pelo falecimento da avó de sua esposa, encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis. Os nossos pezares.

Anjinho

Com poucos meses de existência, finou-se há dias um filhinho do nosso prezado amigo sr. Manuel Marques e de sua ex.ª esposa a sr.ª D. Margarida de Freitas Marques, aos quais apresentamos os nossos cumprimentos, acompanhando-os, assim, na sua grande dor.

Só nos den a seguir as notícias que passamos a referir.
Em 1635 era recebedora do celeiro do convento a madre Maria do Espírito Santo, e escritã Maria da Encarnação cujo rendimento orçava em 131 raras e 1 quarto de trigo, 142 e 1 quarto de centeio, 686 e 1 quarto de milho, 13 almudes e meio de vinho trasfegado, 32 almudes de vinho mole, 41 galinhas, 2 frangos, 3 coelhos, 4 carneiros, 6 leitões, 2 raras de castanhas secas, 5 almudes e meio de azeite, 5 libras de cera, 3 carradas de lenha, 2 de palha de trigo, diuheiro 32\$700, 4 canadas e meio quartilho de manteiga e 1 marrão.

Em 68 rendia 358 raras e três quartos de trigo, 660 de centeio, 788 de milho, 85 almudes de vinho trasfegado e 32 de vinho mole, 42 galinhas, 7 frangos, 2 coelhos, 3 marrãs, 6 leitões, 4 carneiros, 19 quartilhos de azeite, 3 carradas de palha de trigo, 3.050 em dinheiro e mais 44 mil reis de juro da comenda da Câmara de Lisboa, na casa das frutas, além do rendimento que recebia das multíssimas freguesias da comarca.

Na véspera do Natal tinha cada religiosa meio arrádel de marmelada, peras e outras frutas de doce. Os frades dos conventos também pelas principais festas do ano recebiam brindes chamados *mimos* pois no dia da festa do orago do convento em 1860, ao guardião de S. Francisco foram mandadas 2 caixas de doces, 1 com confeitos e outra com abóbora, além de uma capela de ovos.

Nesta Irmandade, não obstante ser constituída somente por mulheres, estavam inscritas muitas pessoas de ambos os sexos da terra, de distinção, entre elas o ilustre vimaranense Torcato Peixoto de Azevedo, cuidadoso escritor das Antiguidades da sua querida terra natal.

P.ª Alberto Gonçalves.

Lêde e propague a «Notícias de Guimarães»